

EDITORIAL

Contradições: Iluminismo X Populismo

A escola, especialmente a universidade, pretende-se filha do Iluminismo.

Surgido na Europa do século XVII, desenvolveu-se no decorrer do século XVIII, caracterizando esse período como o “século das luzes”. Sua característica principal é um esforço consciente de valorização da razão e abandono de preconceitos tradicionais. Com isto, esperava-se que o desenvolvimento do conhecimento produzisse um mundo mais justo, mais humano, mais adequado às aspirações de igualdade, fraternidade, liberdade. A tolerância religiosa em tempos inquisitoriais era um desiderativo dos Iluministas, bem como a obtenção de resultados práticos no combate às injustiças sociais.

O Iluminismo, como movimento social, findou-se no século XIX, mas seus pressupostos, seus projetos, inspiraram as repúblicas originadas depois da Revolução Francesa e seus ideais permanecem ainda nos dias de hoje.

Entretanto, nesse final de século XX, tudo contribui para indicar que os referidos ideais estariam sendo paulatinamente substituídos por um populismo que se acreditava derrotado há décadas.

O Populismo ou a política populista consiste num apelo às massas como elemento legitimador do sistema político e em concessões aos apelos das massas pelo grupo no poder, para se fortalecer frente aos grupos que lhe disputam a hegemonia.

O Populismo, então, que teria sido sepultado pela ditadura militar, recobra ânimo e perpassa hoje quase todos os setores da sociedade civil. O manter o poder a qualquer preço alastrou-se pela nossa República, embora não seja uma característica exclusiva de nosso país e de nosso povo.

Observamos que o que mais produzem os meios de comunicação de massa (cinema e televisão, principalmente) é a violência. O que faz o cinema de sucesso de público, nos últimos vinte anos, senão a violência? A Ásia foi descoberta, os samurais, as artes marciais, para trazer um gostinho de mistério embalado pela violência desmedida.

Vários foram os atores que fizeram carreira por aí. Os Rambos, que tinham uma motivação maniqueísta, são apenas um dos muitos exemplos que se poderia citar. Um homem sozinho consegue fazer o que o Exército Americano não conseguiu no Vietnã: derrotar os vietcongues. A justiça, no caso, vem travestida de uma ideologia rasteira onde os americanos são bons e os outros, maus. O show de pancadaria consegue absorver as platéias, sobretudo de miseráveis, porque se identificam com o “herói”, que luta por algo que ele considera como sua luta... A luta contra a injustiça a que ele está submetido. Mas, no caso funciona apenas como uma catarse que o mantém no mesmo estado de torpor e acomodação.

Tudo se resolve com a violência. Se usam de violência contra mim, o remédio é eu reagir com violência. Embora a violência do mocinho seja colocada como inevitável, ele não tem alternativa contra a violência perpetrada contra ele, senão reagir violentamente. A aparência dos lutadores marciais, os “heróis”, é de que possuem um controle descomunal sobre a própria força, também descomunal. Reagem apenas diante do inevitável. Seu desejo é que os outros se somem ao seu projeto, que é justo, mas eles insistem em se opor a ele e, o que é pior, sabotá-lo, em nome de interesses pessoais, mesquinhos e egoístas.

De outro lado, assistimos a um intelectual tornar-se presidente da República. Por ser herdeiro do Iluminismo, muitos de seus eleitores tenderam a supor que seu governo estaria comprometido com as lutas pela eliminação das injustiças sociais e em prol de justiça para todos. Os ideais republicanos de cidadania estariam garantidos, por suposto. Em vez disso, assistimos a uma série de violências que guardam paralelo com o cinema B acima referido: Compra de votos (os jornais apontam

cifras de quase US\$ 200 mil para cada vendido); aumentos salariais reais para militares, enquanto os servidores civis amargam quase quatro anos de congelamento; reajustes da ordem de 210% para os cargos dos seus assessores quando chegou ao governo, retirando as universidades e os cargos equivalentes do reajuste referido; falta de atitudes concretas com o incêndio de Roraima e com a seca do Nordeste, prevista há cento e vinte anos, como noticiado nos jornais e que rendem muitos votos aos coronéis que apoiam o presidente, etc. (pararemos por aqui dada a disponibilidade de espaço, não por falta de assunto).

Pois bem, qual a relação entre Populismo e Iluminismo.

Um é a própria negação do outro.

Atitudes Populistas são, a título de exemplos, comer buchada de bode, usar chapéu e jaqueta de couro para parecer que se identifica com o sertanejo e, assim, ganhar seu voto, enquanto se deixa de tomar as providências cabíveis para evitar os males seculares da seca e se procura um bode expiatório para atribuir a ele a incompetência pelo próprio fracasso e incompetência, como é o caso de mandar prender Stédile e absolver da mesma acusação o ministro Sepúlveda Pertence e os Bispos da CNBB, sob a alegação de que os dois últimos estariam falando em tese sobre o direito à vida (afinal pertencem a instituições poderosas), enquanto Stédile estaria utilizando a seca para promover a derrocada da ordem.

Mas, prendendo e condenando o líder do Movimento dos Sem Terra, que só é líder dos Sem Terra por que existem os Sem Terra, porque o fracasso do modelo econômico levou milhares de pessoas a perderem seus empregos primeiro no campo, agora na cidade e a vagar sem destino entre o campo e a urbis. Parece que ao se atribuir a ele a razão dos saques, o objetivo é tirar proveito político e transferir responsabilidades para quem não tem dever de fazer, uma vez que os retirantes não saqueiam porque querem ou gostam, mas porque a imprevidência do Estado levou-os a uma situação de penúria tal, que vêm-se compelidos a tomar tal atitude contrária aos seus costumes e à sua rígida moral conservadora,

para se manterem vivos. Aí o valor maior é a vida, como defenderam o ministro do Superior Tribunal Federal e os Bispos da CNBB, os quais não serão molestados por sua alteza imperial.

Atitudes populistas são ainda, produzir programas e veicular filmes violentos porque dão Ibope, porque dão bilheteria. Atitudes populistas são ainda, adequar a programação, incluindo aí as novelas, para competir com quem faz apologia da violência ou a usa como meio de se enriquecer, explorando o aparente gosto das massas pela violência, a qual, incitada pelos meios de comunicação, acaba atribuída a um líder social, concordemos ou não com seus métodos ou com seus pronunciamentos.

A banalização da violência é uma coisa óbvia. Chocou-nos recentemente o assassinato de professoras e de alunos por dois garotos americanos de 11 e 13 anos de idade, estudantes da mesma escola onde provocaram a tragédia. Segundo noticiou a imprensa, não pareciam arrependidos. Como exigir isso deles, se estavam repetindo as mesmas ações dos heróis que a mídia criou para eles? A moda pegou e no Brasil, logo em seguida, assistimos a denúncias de menores que iam armados à escola e tiveram suas armas apreendidas e exibidas como um show macabro. Como se a mídia fosse inocente por essa onda, como se ela fosse apenas mal entendida.

O grande valor dessa sociedade hodierna é o dinheiro. É bem sucedido quem amealhou fortuna. Mal sucedido quem mal consegue sobreviver (a maioria). Dessa maneira como se pode supor que seja condenável alguém querer “levar vantagem em tudo” para se obter dinheiro?

Aliás, o “levar vantagem em tudo” tornou-se mais um símbolo da violência disseminada por todos os setores da sociedade. Pessoas que furam filas, a pé ou motorizadas. Pessoas que desrespeitam os sinais de trânsito. Que furtam, que destroem e depredam o patrimônio público, posto que não o considerem seu. Pessoas que pagam e recebem propinas, que compram ou vendem votos, que pagam ou violentam pessoas para praticarem sexo, que cometem transgressões (pequenas ou grandes) para

não perderem tempo, por parecerem mais vivas e espertas que as outras.

Os ideais do Iluminismo estão a cada dia cedendo lugar à violência, aquela violência contra a qual se levantou Hobbes, a violência de todos contra todos. A desordem não é fruto da subversão da ordem, mas da incapacidade do Estado em ministrar justiça e em suprir as necessidades básicas do cidadão. Ou, por outra, é fruto sim, da subversão, mas daquela subversão que coloca o dinheiro como o valor maior da sociedade. Nos saques dos famintos da seca, maior que a própria vida. Que consente que um parlamentar ganhe num mês mais que muitos pais de família trabalhando a vida toda, mesmo sabendo que nos alimentos que esse infeliz compra estão embutidos os impostos que servirão para pagar as mordomias aos ocupantes de postos do Estado, de modo geral, mas que nem permite à maioria dos cidadãos, ter atendidas suas necessidades mínimas: alimentação, saúde, educação, lazer, transporte, moradia.

Como impedir que um marginalizado deseje um tênis importado? Como impedir que, não podendo comprar, pois ganha menos que o necessário para atender suas necessidades, tome de quem tenha? Afinal, ter é mais importante que ser.

A subversão maior está no Estado que não apenas permite que tais injustiças se propaguem, mas que as alimenta ainda mais. Isso é a negação dos ideais do Iluminismo que sustentam a educação de qualquer país civilizado. Como querer que o Populismo faça uma reforma educacional Iluminista? Afinal, o ideal do Populismo é manter-se no poder.

Geraldo Inácio Filho